



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

UNIDADE DE AMAMBAI/MS

ADELIA FLORES LOPES

**O SANGUE ENTRE AS MULHERES GUARANI E KAIOWA EM
AMAMBAI/MS.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado por Adélia Flores Lopes como requisito básico para a conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Ciências Sociais, sob orientação da Prof.^a Lauriene Seraguza Olegário e Souza.

AMAMBAI-MS

2016

O SANGUE ENTRE AS MULHERES GUARANI E KAIOWA EM AMAMBAI/MS.

RESUMO: Neste estudo analisei o valor do sangue no trabalho das parteiras e benzedoras da região da aldeia Amambai que são conhecedoras de benzimentos, curas e remédios de raízes de folhas, casca de pau encontradas nas matas da beira dos rios e brejos, que aliviam as dores e livram o povo Guarani e Kaiowa de doenças malignas e de outros tipos de doenças. O parto é a prioridade das mulheres indígenas como forma do atendimento da saúde, por isso, precisa ter mais atenção, dentro da reserva, quanto a isso. Para as mulheres que estão amamentando o seu filho a duração é até no máximo dois anos, depois desmama e a criança adquire outros modos de se relacionar com a mãe. Com essa pesquisa descobri que as parteiras têm seu modo específico de produzir e circular o seu conhecimento e de se relacionar com as substâncias corporais, como o sangue.

Palavras-chave: sangue, parto, mulheres indígenas.

ÑE'E MBYKY: ko che ajeporeka va é kue mba e ichapa tuguy regua ha umi partera kuera pe ha oporovence vá ko tekoha pegua Amambai ha upe arandu oguerekoha ombo guerá ha upe pohã rapo kue ha hogue kue ha ipire kue yvyragui pohã ha ojohu kaaguy pe ha y kota pe ave ha upea ombojehasa ha omboguera asya a pe ore hente kuera hasya guy. Parto katu kunã re he gua hese kuera oikõ teve ha upei umi kunã omokambuva imemby ko zo año peve ha upei omombo o ove oheka otyo laja. Ha ko ape ve ko che ajeporeka che ñe e rãre ha ajohu añe hahuã parto reguaha rete regua ha tuguy.

Ñe'e: tuguy, memby, kuña kaiowa

INTRODUÇÃO

Meu nome é Adélia Flores Lopes nasci no dia 03 de abril de 1980, tenho 04 filhos, moro na aldeia Amambai. A minha mãe é Teodora Flores e o meu pai é José Lopes, tenho 09 irmãos e sou a caçula. Os meus pais se separaram quando ainda eu era pequena e não o conheci direito, pois ele faleceu num acidente de ônibus. Naquela época ele trabalhava na usina de cana-de-açúcar. Desde então ficou só a mãe cuidando de mim e do meu irmão, que possuía uma deficiência física. Nós passamos muita dificuldade financeira, pois então parei de estudar na 5º série do ensino fundamental para ajudar a cuidar do meu irmão.

Aos 16 anos casei e com 18 anos tive minha filha que se chama Gizelle que hoje tem 18 anos e depois veio o Glielson de 16 anos, Alencler que tem 14 e por último o Vanderson que tem 09 anos. Quando tive meu segundo filho comecei a estudar de novo para deixar um exemplo pra eles. Conclui o ensino médio completo na EJA na escola Estadual *Mboe Roy* Guarani Kaiowá junto com meu esposo. Tivemos muitas dificuldades e por fim superamos, fizemos a prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) 2010 e passamos juntos nas provas. Eu consegui terminar, mas o meu esposo teve que interromper o curso por motivo da necessidade. Mas hoje ele está no 2º ano no curso de Ciências Sociais. Fiquei muito feliz com a escolha do tema para o meu TCC, pois a ideia é que com este tema possa falar de parto, sangue e outras substâncias e possa homenagear o meu filho que faleceu durante o parto. Durante a minha pesquisa aprendi muitas coisas, também na universidade, como é importante ser mulher e mãe, passando tudo com esse processo durante a gestação até chegar ao momento mais emocionante que é o nascimento do filho.

E aprendi junto com os meus professores, eu tive a oportunidade de aprender sobre outras realidades, com outros tipos de conhecimentos. Cursando a faculdade conheci a minha professora LAURIENE que dava a disciplina de antropologia e comecei a me interessar no trabalho dela de pesquisa enquanto ela ainda fazia mestrado e estava estudando as mulheres Guarani e Kaiowa, ela falava sobre isto durante as suas aulas e por isso que eu a escolhi para ser a minha orientadora e escrever junto comigo este trabalho de conclusão de curso.

Este é um trabalho escrito á quatro mãos, mas já foram oito ou muito mais. Nestes quase sete anos de curso troquei várias vezes de orientação, conversei com muitas mulheres Kaiowa e Guarani e que trago neste texto, um pouco do que aprendi com cada uma das pessoas que já orientaram este trabalho. A minha opção em escrever na primeira pessoa do singular é para também respeitar tudo aquilo que foi construído em conjunto com todas estas pessoas e que hoje adquire esta forma junto com a professora Lauriene.

Para chegarmos a esta forma final, fizemos muitos encontros desde 2013, muitas conversas, várias versões. Nas últimas versões, a professora me fazia perguntas pelo *Facebook* sobre coisas que não estavam muito claras em meu trabalho e eu retornava a fazer pesquisa e devolvia acrescentando minhas novas descobertas, junto com as leituras que fazia para escrever o texto. A pesquisa se deu toda na reserva Amambai, onde conversei com dez mulheres Kaiowa e Guarani, sendo três mulheres novas e as demais são velhas, com mais de 60 anos. Destas mulheres somente uma compõe a minha parentela, que foi minha mãe, senhora Leodora Cândido, todas as demais são mulheres que identifiquei que possuem muitos filhos e que são reconhecidas como conhecedoras de remédios tradicionais e parteiras.

Eu sou da etnia kaiowa e moro na Reserva Indígena Guapo'y (Reserva Amambai, MS). Nesta pesquisa procurei conhecer mais a vida das mulheres Guarani e Kaiowa dentro da aldeia. No Mato Grosso do Sul, os povos de língua guarani compõem as etnias Kaiowa e Guarani, ambas presentes em Guapo'y. Nesta pesquisa, me interessa analisar a experiência das mulheres mais velhas e das jovens mães em relação a gestação e o parto e a substância sangue. Através da convivência e na conversa com as mulheres de mais idade é possível perceber as diferenças entre o passado e o tempo atual, marcado pela crescente interferência do atendimento à saúde não indígena. A minha pesquisa começou em 1998, quando eu percebi a minha gravidez. Acompanhei o processo comigo mesmo, como todas mulheres que dão à luz no parto normal. Sente-se uma dor insuportável durante a dilatação, que algumas podem levar a morte.

Nas conversas com as mulheres mais velhas, elas enfatizam como era a vida indígena no tempo passado, o *ymãguaré*. Neste tempo, quem realizava e orientava os cuidados das pessoas doentes e das crianças pequenas, era o *Ñande Ru*, o rezador. A minha presença entre as mulheres com mais idade foi possível por eu ser indígena da etnia

Kaiowa moradora da aldeia Amambai. Destacar isto é importante, pois essas mulheres dificilmente conversam com pessoas, mais novas ou estranhas ao convívio familiar, principalmente sobre coisas tão particulares como as que envolvem a circulação do sangue e suas relações no corpo das mulheres Kaiowa e Guarani.

SOBRE O SANGUE

Sangue é *Tuguy* que significa para nós Kaiowa como um milagre, pois ninguém pode substituir o sangue com outro, somente o corpo humano pode gerar o sangue que existe nele. A proteção do conhecimento é *Arandu* e água que é *y* ficam junto com o sangue, porque a água é fresca, e refresca o corpo, *mbopiroy*, que é quente, porque o sangue esquenta o corpo. *Tuguy* é o sangue que fortalece a vida. Existem três tipos de sangue que é envolvido ao corpo; *Tuguy hu*, o sangue preto, *Tuguy Pytã*, sangue vermelho e *Tuguy y*, sangue aguado. O *Tuguy hu* é o sangue mais forte que existe dentro do corpo, como no organismo. O *Tuguy Pytã* circula no nosso corpo, em todo o sangue e segundo os Guarani e Kaiowa esse sangue é que dá o tom da vida longa. O *Tuguy y* refresca o corpo depois de atividade física. O sangue por ser tão importante para nós e trazer a energia de sobreviver, passa pelo processo da vida da nossa natureza. As mulheres com o sangue “puro” são aquelas que não contaminam o seu corpo com o remédio químico, que vem dos hospitais e farmácias ou que são fornecidos pelo governo.

A contaminação para o Kaiowa ocorre com aquele que já possui no seu sangue um algo diferente, quando o remédio nativo não faz mais o efeito pelo motivo que já não faz mais parte da circulação do sangue nas veias, por ter vários doses do remédio químico no corpo, segundo os Kaiowa.

Com a influência, a mudança, reconheço que as mulheres vêm se adaptando com o remédio das farmácias, que as pílulas anticoncepcionais ampliaram a prevenção da gravidez, que trazem o benefício para elas como maiores facilidades de realizar a sua rotina do dia a dia atualmente, não somente cuidar dos filhos. Mas podem trabalhar e estudar fora de casa se quiserem.

O VALOR DO SANGUE

O sangue tem muito valor para nós Kaiowa. Historicamente lembramos o nosso antepassado que no antigo parentesco valorizava o sangue como uma esperança de fortalecer a vida da comunidade, para o futuro, mas não como voltar para o passado, mas lógico fazer com que não fique no esquecimento. O sangue envolve e corre nas veias de cada membro da comunidade e pela força da natureza que é sempre recordada por um *Ñande ru* reconhecido pela comunidade da reserva. A saúde é a vida de todos, possuímos o sangue da nossa vida. Portanto a nossa vida está sendo limitado pelo branco, também a cultura e tradição e o costume. Eu fico triste com isso e com essa situação, que faz com que as crianças e bebês recém-nascidos não sejam mais batizados, *ñhemongara*, pelo cacique.

E agora, o que nós vamos falar e ensinar para as nossas crianças? Vamos incentivar nossos filhos a lembrarem de que o sangue para nós é o valor da vida, porque sem o sangue não temos vidas.

O xamã que reza tem o contato com o espírito que guia Tupã, para que essa pessoa seja abençoado por ele. Atualmente é pouco aceito esse costume, entramos na “civilização”, no mundo do branco e muitos tem deixado de lado esse valor da vida. Parece que ninguém percebe como o sangue ocorre, que ele faz o contato com os espíritos e abençoa as pessoas, porque só com reza se pode espantar o mal. A reza que entra em nosso corpo se junta com o suor e fortalece as nossas vidas.

A comunidade tem a presença do rezador, normalmente é um vovô que é *Ñande ramõi* e *Jarí* que é vovó. Eles se unem e decidem como fazer melhorar essa criança, por exemplo, como quando está com Coaio Virado, *kambyrujere*, um tema já estudado entre os Kaiowa e Guarani por antropólogos em Mato Grosso do Sul, como Nádia Heusi Silveira (2009) e Lauriene Seraguza (2013). O coaio virado é uma doença muito comum na infância indígena e tem como sintomas a diarreia, o vômito e a dor na barriga e só pode ser tratado por *ñande ru* ou *ñande sy*. Segundo Silveira (2009) esta doença é decorrente de “movimentos bruscos”, entre outros, que podem assustar a criança, assim o “leite estraga, “coagula na costela” e os ossos saem do lugar” (SILVEIRA, 2009, p. 3).

Quando as mulheres gestantes vão dar a luz, contam que os bebês nascem na lua nova ou na cheia ou na minguante, se for menina nascerá na lua nova porque mulheres menstruam em cada lua nova. Também nascem meninas na lua cheia, mas é muito raro. Os meninos já nascem na lua cheia ou no minguante, isso significa que o homem quando vai plantar ou colher sempre vai ser lua cheia ou minguante. Quando vai construir a casa de sapé que é um capim que não apodrece facilmente, também tem que ser na lua cheia ou na minguante, se for madeira apodrece mais rápido e pode ser consumido pelo bicho como o caruncho. Por isso é muito importante esclarecer o que sabe sobre o nosso costume, como viviam os nossos parentes no antigo e como viveram da maneira deles, hoje não fazem mais isso porque muitos não sabem mais. É importante para os jovens esclarecer para que atualmente estes conhecimentos não sejam esquecidos.

O SANGUE NA PRIMEIRA MENSTRUÇÃO

Ñemondya chama-se o ritual que é realizado quando desce a primeira menstruação na menina, depois passa a ser *Kuñatai* e já pode ser chamada de moça.

O ritual que é feito quando desce a primeira vez a menstruação consiste no corte do cabelo pela avó, a reclusão de ficar uma semana trancado no quarto sem espiar pelo buraco da parede e tem a regulação da dieta alimentar, não pode comer qualquer carne até parar de sangrar.

Quando a mulher está menstruada o homem, não pode tocá-la durante esse ocorrido, esse momento ela fica com o corpo com cheiro de sangue e não pode sair e ficar perto das plantas e na roça, se não as plantas podem secar e apodrecer, como também percebeu Seraguza (2013) em sua dissertação de mestrado entre as mulheres Kaiowa de Yvykarusu/Takuaraty, onde o perigo das mulheres circularem menstruadas entre a roça era o de “apodrecer os alimentos e submeter à família extensa a ausência de determinados bens alimentícios da dieta kaiowa e guarani, cultivados nestes coletivos, em especial porque são elas as responsáveis por esta tarefa” (SERAGUZA, 2013, p.97).

O homem deve dormir separado em outra cama, se dormir junto durante esse ciclo menstrual pode pegar doença grave no futuro que não tem cura como, *Teohã*, uma tontura na cabeça que pode fazer cair de repente e outros, como dores na cintura. No parto é ainda mais cuidadoso, pois a gravidez é diferente da menstruação. Neste momento o homem pode dormir junto, mas depois de nascer o bebê, o homem tem que ficar longe da mulher durante quarenta dias, deixar que a mulher se recupere bem do parto. No seu primeiro filho ele tem que trabalhar na roça, fazer tarefa de casa ajudando a sua esposa, ter afeto com o seu filho, é para ser zeloso por resto da sua vida, para sentir-se bem humorado quando se levantar de manhã, para sentir vontade de trabalhar e não ser mal humorado e preguiçoso, que é *Jejogua*, pegar outro costume.

É preciso que se cuide das substâncias que compõe os corpos das mulheres, pois como o sangue, elas possuem conhecimentos que não podem ser acessados por qualquer pessoa, quando não se cuida do sangue vertido, não o trata com os procedimentos rituais adequados, coisas ruins podem acontecer principalmente as com mulheres que já tiveram filhos.

QUANDO NÃO SE CUIDA DO SANGUE, NÃO SE CUIDA DO CORPO

A conversa com as mulheres com mais idades trouxe as lembranças do período da minha gestação. A diferença de 1998 até agora é que as mulheres indígenas, não só da aldeia, vem mudando os costumes e as mulheres são obrigadas a cumprir as regras que o doutor não indígena acha que é melhor para a saúde da mulher gestante indígena.

Fazer a cada mês o pré-natal durante a gestação, tomar o remédio e vitaminas para o desenvolvimento do bebê para que nasça com saúde, tanto para que a mãe que se recupera logo depois do parto. O doutor proíbe de tomar outro tipo de remédio, inclusive os meio-amargos, que encontramos no mato, e eles dizem que é melhor assim. Mas encontramos algumas mulheres que conseguem elaborar estratégias e tem filhos longe do hospital, mas elas são responsabilizadas pelos agentes de saúde, que as alertam para os “perigos” de se ter filhos fora do hospital.

Esta situação em que indígenas tem que seguir os costumes das brancas, principalmente mulheres gestantes, pois para ter filhos tem que se dirigir ao hospital e também com a criança doente para ser medicado. Tanto como médico é responsável, tem que decidir se vai ou não vai, quando o responsável não autoriza, não é obrigado a levar. Mas antigamente não era assim.

Para outras doenças, há entre os Kaiowa as rezas que podem ser enunciadas pelo *Ñande Ru* um cacique, xamã, Kaiowa que cura doenças (psicológicas, como o *Tavy* = louco). E outros fatos que acontecem quando uma pessoa fica louca, fora do controle, *tavy*. Para o doutor é uma doença psicológica que pode vir do uso de drogas etc.

Para o cacique, significa que o espírito possuído por essa pessoa pode ser curado através da reza todos os dias e noites. O *Tavy* acontece quando a pessoa é possuída, por um *ãanguery*, uma alma que já não pertence mais ao mundo terreno, a pessoa perseguida por um *ãanguery* perde a memória definitivamente. Isso que leva agora as famílias ficarem preocupadas, e junto com a bebida alcoólica, que se apodera mais na consciência das pessoas que já vem sofrendo com essa doença, a única chance de se controlar é de consultar com o medico, fazer o tratamento é ate mesmo agora já existe a clínica, algumas indígenas já levaram os seus filhos para internar, por que é uma doença muito grave, mas a maioria também não acredita que essa pessoa tomada vai ser livrar com o tratamento, somente com a reza do *ñanderu*.

Existem vários tipos de *Tavy* como agora: tem alucinação por motivo de uso de substâncias ilícitas, ou com bebida alcoólica mesmo. A reza do cacique já não corresponde mais com essa situação, não se importa tanto como antes, já que existe o tratamento psicológico para esse tipo de doença. Por que na comunidade, agora o *Tavy* só precisa de tratamento com o acompanhamento de doutor, ou levar essa individuo para igreja, a parte da religião. A religião age diferente, usa porções de água benta para espantar o mal e fazem suas orações pedindo para que essa pessoa se liberte desse sofrimento, mas o paciente tem que colaborar com uma pequena quantia de dinheiro na igreja, e aceitar seguir junto com os outros, indo todos os dia na igreja.

Com o rezador tem uma opção de ser curado o *tavy*. Existe uma porção de remédio caseiro que o cure, mas tem que ser junto com a reza, a erva chama-se *Pikãti* em língua kaiowa, o nome desse em português é guiné, outro é *Tembetary* que tem um cheiro

muito forte e serve para lavar a cabeça com água morna. Este é o tratamento que o rezador recomenda pra quem sofre dessa doença, o *tavy*. Essas ervas medicinais já estão em extinção por motivo das queimadas e não há mais espaço, estão se formando as residências, também quase não é reconhecido mais esses conhecimentos, somente por quem conhece essas ervas, principalmente os idosos e algumas outras pessoas que tiveram contato com elas desde crianças. O *Tavy* faz parte do sangue para o rezador, por que circula pelas veias e vai direto para a cabeça e atinge o todo o corpo.

O sangue é a temática principal desta proposta de pesquisa, inclusive como a sociedade não indígena influenciou os cuidados com o sangue na Aldeia Guapo'y em Amambai. As parteiras que atuavam dentro da aldeia souberam que não poderiam fazer mais o parto na residência, então ficaram em silêncio pelo motivo que a equipe da saúde indígena decidiu se responsabilizar por esta questão. As parteiras foram substituídas pelas enfermeiras e pelo doutor. Inclusive quando casei e fiquei grávida, já não tinha mais esse tipo de atenção da parteira, mas mesmo assim chamei uma delas para fazer a massagem em mim. Ela se recusava, porém precisei do trabalho dela, vivendo a minha cultura que não podia ficar assim, no esquecimento. O trabalho tradicional da parteira no meio da comunidade é muito importante e é preciso refletir sobre o seu exercício.

Quando decidiram mudar o rumo da saúde, decidiram os brancos, que era para melhorar e facilitar mais o percurso da saúde na aldeia que antes não acontecia. O atendimento da saúde era muito precário, principalmente quando a paciente precisa de atendimento urgente. Agora já tem ambulância de plantão durante a noite, desde que a Fundação Nacional de Saúde – FUNASA foi o órgão que se responsabilizou pela da saúde, no entanto, os pacientes tem que se apegar nessa decisão. Depois de alguns anos começaram a troca nome, de FUNASA passou a ser Secretaria Especial de Saúde Indígena – SESAI, e até hoje, por enquanto, continua esse mesmo.

Pessoas que se recusam a cumprir as decisões da SESAI são intimados a dar satisfação pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI, ou em outro conselho da saúde ou pelo líder da aldeia que é o capitão. Acompanhei uma mãe kaiowa que não queria levar a sua filha ao hospital, que era apenas um bebê que sofria de bronquite asmática. Infelizmente o bebê faleceu na sua própria residência, mas antes a equipe da saúde se conduziu para a casa dessa pessoa e mandou assinar um papel com termo de responsabilidade se acontecesse da criança chegar a falecer. Para não culpar a equipe de

saúde, ou por falta de atendimento no hospital, o veículo que levava o paciente no local do atendimento estava disponível, veio na residência dessa pessoa três vezes e não quis levar no pronto socorro, a mãe disse para a enfermeira que vai ser curado na igreja e por esse motivo, não queria levar no hospital, pois são crente e dizem que a vida deles pertence a religião.

Esse é o motivo de algumas famílias que levam ao óbito seus filhos, por acreditarem que vai ser curado na igreja, mas não por negligência do servidor de saúde: porque o primeiro acreditava no rezador e curandeiro, a religião se influenciou dentro da aldeia, e isso levaram adiante e até hoje.

A forma de cura de doença para os Kaiowa, esta relacionada com a reza em busca do conhecimento com Tupã e também com o remédio nativo, que batizado na reza, com *ñemongaray*, para que o remédio faça o seu efeito. O tratamento que faz parte do médico tem outro processo para ser realizado. E na igreja tem outra forma de cura de doença: ter fé individual para que esse milagre seja realizado, quem foi curado tem que seguir a religião, por que se não a doença volta.

Agora cada vez mais o sistema vem sendo rígido para o paciente. É preciso ter toda a documentação, carteira de vacinação em dia, cartão SUS, pois sem esse cartão o paciente não é atendido no hospital, inclusive a mulher que vai dar à luz. É obrigatório possuir esses documentos para ter o atendimento. Toda essa mudança levou a comunidade indígena a ter que se adaptar com as novas regras, tanto na saúde como na vida política.

PARTO EM CASA

O parto na casa é uma situação muito arriscada para a mulher que vai dar à luz dentro de casa com a forma da orientação das parteiras, segundo a SESAI. Mas, quando isto ocorre, são necessárias duas ou três parteiras, uma para fazer o parto quando a mulher vai ser a mãe. Primeiro começa a fazer a massagem com a mão bem leve, aquece a mão colocando perto do fogo, em seguida começa a segurar o paciente pelas costas enquanto

as outras começam a fazer a massagem na barriga, levemente para não atrapalhar as outras parteiras que estão em posição.

Uma das parteiras começa a rezar e com umas raízes começa a passar no redor do paciente junto com a fumaça de folhas verdes, para que ela não sinta muito a dor quando a bolsa amniótica estourar. Leva alguns minutos para acontecer o parto, a parteira com experiência toma todos os cuidados para que ela se recupere logo. A primeira benzedeira começa rezar pelo bebê masculino, se demorar uns 15 minutos, começa a rezar para o bebê feminino, por que toda a reza as benzedeiros tem como realizar através dos espíritos do bem que protegem as crianças de todo mal.

Enquanto isso, a outra já começa o preparativo de fazer o fogo, coloca a água no fogo para ficar morna quando o bebê nascer, pra dar banho junto com o remédio. Logo que o bebê nasceu, não pode ser visto por quinze dias pelas pessoas estranhas, somente os pais poderão ter acesso ao bebê. O cordão umbilical com a placenta são colocados num buraco e enterrados as dez metros de casa, para que o cheiro não atinja a residência.

A MULHER PÓS-PARTO

Os modos de cuidar da mulher kaiowa no pós-parto continuam sendo acompanhado pela parteira, envolvendo a mulher com mais cuidados e ensinando as mães que são de primeira como cuidar de um bebê recém-nascido. Mas as mães ansiosamente pegam o filho no colo e já amamentam, com o cuidado da parteira, ela é medicada no remédio caseiro por no máximo de 40 dias, é o tempo de resguardo.

A mãe da mulher e do marido pode visitar o bebê recém-nascido, mas o resto da família ainda não pode. Assim que completam os 15 dias já podem, pois o umbigo já sarou bem. Antes a avó já avisa que a mulher e o homem casado não podem se aproximar ou pegar no colo o bebê recém-nascido, porque o corpo da bebê é muito sensível e não se pode pegar a criança sem permissão da família, pois, se ocorre isto o bebê corre risco de ficar doente e começa se sentir mal e chorar muito, depois com dor no corpo, aumenta a temperatura do corpo e é sinal de sintoma que *JOHEA*, a cabeça do bebê fica aberto no meio até na testa (onde fica no meio da cabeça um mole que chama

Huã que faz parte do crescimento, essa fase vai até entre os 3 a 4 anos de idade depois fecha, de todas as crianças). Esse sintoma é causado por quem presenciou o recém-nascido com o corpo perturbado e isso poderá ser curado na presença do rezador e com cacique com muito cuidado, porque isso pode levar a morte em algum instante. O rezador tem que fazer o benzimento ritual e costurar em cima da cabeça, de forma invisível, assim que é o trabalho do rezador no meio da comunidade.

Para fazer a cura rápida, em poucos dias, nas partes íntimas do paciente, necessita dos cuidados de uso de chá para manter a saúde e ficar protegido de doença. *Rapo ju va* é uma planta medicinal rasteira, possui pelo menos quatro folhas, e quando é fervida tem um cheiro muito agradável. É recomendado da parteira para a mulher no pós-parto tomar todo o dia durante esse período resguardo, e além de outras ervas medicinais tem como recuperar logo a sua saúde normal.

Outro remédio bastante indicado pelas parteiras é o *LORITO PYSÃ*, Unha de Papagaio, conhecido como Barbatimão. É um remédio muito forte e não é necessário ser fervido. Serve para curar sarna, feridas. É preciso ser preparadas com água morna, principalmente quem tem feridas na boca, em crianças. Também é recomendado para mulher tomar chá, quem sente a dor abdominal que faz parte do útero da mulher, deve ser colocado um pouco só na água morna. É para as feridas somente lavar todos os dias, que melhora. Esse *lorito pysã* é conhecido por nossos antepassados e até hoje reconhecemos esse remédio que faz parte a nossa vida e que utilizamos ainda.

CONCLUSÃO

As mulheres indígenas tem convivência entre homens e mulheres mais velhos, que possuem experiências acumulada sobre a temática do sangue no cotidiano dos Kaiowa na aldeia Amambai. Sobre a fase do nascimento e crescimento da criança indígena, e o comportamento e o modo de viver no meio da sua comunidade que valoriza a sua cultura e tradição. Para isso realizei conversas com essas mulheres e homens mais velhos, investiguei como era no antigamente e na atualidade sobre a importância do ritual relacionado ao sangue. Participei de atividades do cotidiano para perceber como essa temática é abordada. A pesquisa bibliográfica sobre a temática também fez parte da metodologia do trabalho desta proposta de pesquisa.

Investiguei a apresentação da vida social corporal da minha comunidade Kaiowa e como se relaciona ao sangue na vida cotidiana e a prática rituais que envolvem as mulheres Kaiowa na aldeia Amambai, especialmente nos momentos considerados com tradição, como menstruação a gravidez e no parto. Realizei uma pesquisa em etnologia indígena que possa fornecer subsídios para pensar aspectos relacionados à vida social dos Kaiowa de Amambai.

Identificar a importância dada ao sangue na vida social na geração mais recente, do Kaiowa, bem como investigar a sociedade a partir da perspectiva das mulheres da minha comunidade incentivando que no sangue que tem a vida. O acompanhamento com as mulheres durante a pesquisa aprendi também quando essas mães, agem com os seus filhos dentro da casa que fazem parte da vida cotidiana, como no dia-dia com a diferença do costume de cada família.

O acontecimento do parto fora do hospital foi um orgulho, é um desses momentos onde o controle do sangue pode ser feito internamente, sem a intervenção dos não indígenas. Com a chegada do hospital, os rituais que envolvem controle e vertimento de sangue foram prejudicados, assim como a transformação na paisagem da vida em reserva, o que nos limita a acessar as ervas do mato que podem ser transformadas em remédios junto com *Ñembo'é*, a reza, para que a vida seja abençoada.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

BENITES, Tónico. Mbo e kuationã Nemoñe é há A/japo Kuationã ñe é (fazendo o papel falar e produzindo sua fala). Monografia apresentada ao curso Normal Superior UEMS, 2003.

----- . A escola indígena na ótica dos Ava Kaiowá: impactos interpretações indígenas.

MORAES PINTO, Celeste. De Parteiras e Porções Vindas Das Matas E Ribanceiras Dos Rios Beneditos . Radialistaedizio.blogspot.com.

PEREIRA, Levis Marques.1999.Parentesco e organização social Kaiowá.

VIETTA, Katya. História sobre terras e xamãs Kaiowá: territorial e organização social nas perspectivas dos Kaiowá de Panambizinho Dourados, MS Tese de Doutorado, PPGAS-USP – São Paulo, 2007.

SERAGUZA, LAURIENE. Cosmos, Corpos e Mulheres Kaiowa e Guarani: de *Anã a Kunã*, Dourados, UFGD. 2013.

SILVEIRA, Nádia Heusi. Mitã kambyryru jere – notas sobre uma doença de infância entre os Kaiowá e Guarani. In: *Tellus*, ano 9, n. 16, p. 209-214, jan./jun. 2009, Campo Grande/MS: Edit. da UCDB.

OUTRAS FONTES

NEPPI-Núcleo de estudo e pesquisa com população indígena:

www.neppi.org.br [HTTP//www.suapesquisa.com/indios/paje.htm](http://www.suapesquisa.com/indios/paje.htm)

<http://www.a12.com/formacao/detalhes/a-forca-da-liberdade>

<https://mail.google.com/mail/u/0/?pli=1#imp/147a211176680ac1?projector=1>